

Mutirões extracomunitários *versus* turismo voluntário: experiências nas aldeias Tupã Nhe'é Kretã (Morretes-PR) e Kuaray Haxa (Guaraqueçaba-PR)

DOI: 10.2436/20.8070.01.53

Sandra Dalila Corbari

Mestra em Turismo pela Universidade Federal do Paraná, Brasil.

Doutoranda em Meio Ambiente e Desenvolvimento pela

Universidade Federal do Paraná, Brasil.

E-mail: corbari91@hotmail.com

Resumo

Os mutirões são práticas tradicionais de diversas comunidades campesinas brasileiras. Essas experiências podem se enquadrar como promotoras da reciprocidade, uma vez que os mutirões ocorrem por meio da ajuda mútua entre vizinhos. Evidenciam-se, no entanto, outros tipos de mutirões, aqui denominados de “novos” mutirões ou mutirões extracomunitários, pois são práticas pontuais que visam à ajuda a determinada comunidade ou local, tendo, constantemente, grupos compostos de pessoas alheias ao local que recebe a benfeitoria. Por outro lado, tem-se o turismo voluntário, que também tem como objetivo a prestação de ajuda, em diferentes âmbitos, geralmente durante um tempo maior que os mutirões. Desse modo, a presente pesquisa teve como objeto de estudo mutirões que ocorreram em duas aldeias do Paraná, a Tupã Nhe'é Kretã (Morretes) e a Kuaray Haxa (Guaraqueçaba). O objetivo geral foi avaliar se os mutirões extracomunitários realizados nessas aldeias podem ser entendidos como prática turística. Com a pesquisa - que contou com revisão bibliográfica, observação participante, aplicação de questionários e entrevista com organizador - foi possível compreender que os mutirões nas aldeias supracitadas podem ser consideradas atividades turísticas, sendo que o trabalho se mescla ao lazer, através da vivência.

Palavras-chaves: mutirão, turismo voluntário, trabalho *versus* lazer, comunidades indígenas.

1 INTRODUÇÃO

Os mutirões ditos tradicionais são desenvolvidos tendo como base a reciprocidade, um constante dar-receber-retribuir, tal qual elucidada a teoria sobre a dádiva de Marcel Mauss. Essas práticas, também denominadas puxirão, são comuns em sociedades campesinas brasileiras (BRANDÃO, 1983, 2007; GAPINSKI; CAMPIGOTO, 2010) e acontecem quando a soma de pessoas torna possível a realização de um serviço em prol coletivo ou quando voluntários auxiliam em um

trabalho em benefício de uma família (BRANDÃO, 1983; SABOURIN; CARON, 2009). Há, nesses casos, uma obrigação implícita e nos casos de benfeitorias públicas ou coletivas a pressão social pressupõe a participação de todas as pessoas da comunidade (SABOURIN; CARON, 2009). O “pagamento” pela ajuda prestada se dá através de festas, com comilança, música e dança (GAPINSKI; CAMPIGOTO, 2015; Brandão, 1983).

Evidenciam-se, nos últimos anos, no entanto, ações coletivas em prol de melhorias em determinado local ou comunidade. Essas ações coletivas são consideradas mutirões, mas como possuem algumas características que diferem dos mutirões tradicionais, foram denominados aqui “novos mutirões”. Dentre essas ações, estão mutirões de saúde, para construção de habitações, limpeza de rios e praias, entre outros. Essas práticas têm caráter extracomunitário, embora, por vezes, indivíduos do município e da comunidade onde foi feita determinada benfeitoria participem das ações. Um exemplo desses mutirões são os realizados em duas aldeias paranaenses, a aldeia Tupã Nhe’é Kretão, em Morretes e a Kuaray Haxa, em Guaraqueçaba, os quais foram objeto de estudo do presente estudo.

Por outro lado, tem-se o turismo voluntário que se assemelha aos mutirões extracomunitários, com a diferença que aquele ocorre em tempo maior que este. O objetivo dessas experiências, pagas, é a ajuda ou melhoria em determinados locais, seja no que diz respeito à pobreza econômica, seja na restauração de certos ambientes naturais ou edificações ou até mesmo pesquisas sobre determinados aspectos da sociedade ou meio ambiente (WEARING, 2001).

Desse modo, o presente estudo, de caráter qualitativo, teve como objetivo geral avaliar se os mutirões extracomunitários realizados nas aldeias Tupã Nhe’é Kretã, em Morretes e Kuaray Haxa, em Guaraqueçaba, Paraná, podem ser entendidos como prática turística. Para alcançar o objetivo geral, foram traçados alguns objetivos específicos, a saber: a) Identificar qual o público-alvo dos mutirões; b) Identificar a motivação dos participantes; c) Avaliar se foram realizadas atividades de lazer durante os mutirões; e d) Verificar como se deu a interação entre visitantes e visitados.

Para alcançar esses objetivos, a pesquisa foi realizada em duas etapas: primeiramente, realizou-se uma pesquisa bibliográfica e na sequência foi realizada uma pesquisa *in loco*, por meio de observação participante em quatro mutirões, aplicação de questionários com participantes não indígenas e entrevista com um dos organizadores das experiências.

Apresenta-se, a seguir, o marco teórico a respeito dos mutirões tradicionais, os “novos” mutirões e o turismo voluntário. Na sequência, tem-se a metodologia de pesquisa e na sequência Após isso, tem-se a descrição das comunidades atendidas e descrição dos dados coletados *in loco*.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Como fundamentação teórica do presente artigo, utilizou-se, primeiramente, da teoria sobre a dádiva, de Marcel Mauss e como tal teoria relaciona-se com os denominados mutirões tradicionais. Na sequência, apresenta-se os “novos mutirões”, que representam formas diferentes dessa prática. Por fim, tem-se o turismo voluntário, enquanto prática que visa à solidariedade, diferindo dos mutirões.

2.1 Os mutirões tradicionais e os “novos” mutirões

Sob a luz da teoria sobre a dádiva, do sociólogo e antropólogo Marcel Mauss, alguns autores apresentam o debate sobre a reciprocidade (GODOI, MENEZES; MARIN, 2009). A teoria da dádiva postula um entendimento de que a vida social se baseia em dar, receber e retribuir, sendo que o dar e o retribuir é tido, universalmente, como obrigatórios, mas organizadas diferentemente em cada local (MAUSS, 1974). Conforme a teoria desse estudioso, esse constante dar-receber-retribuir não se trata de acordos entre indivíduos, mas regras sociais, onde os contratos se apresentam em forma de trocas, que são, simultaneamente, voluntárias e obrigatórias, reais e simbólicas, interessadas e desinteressadas.

Esse tema é analisado, por alguns pesquisadores, na prática do mutirão (GODOI, MENEZES; MARIN, 2009), também denominado de “puxirão”, prática geralmente de grupos primários, comum em comunidades camponesas e tradicionais, como faxinalenses e caixaras, e organizados quando um indivíduo ou família necessita de cooperação para a execução rápida e eficiente de alguma atividade, convocando vizinhos e se comprometendo a retribuir a ajuda prestada, quando solicitado (BRANDÃO, 1983; GAPINSKI; CAMPIGOTO, 2010). Ressalta-se que os mutirões diferem do sistema de “troca de dias”, no qual os dias são registrados e “devolvidos” à outra família ou até mesmo monetarizada (SABOURIN, 2011). Os mutirões têm caráter de ajuda mútua de reciprocidade, prevalecendo as relações humanas, mesmo que a devolução da ajuda seja esperada, conforme ressaltado por esse autor.

Tradicionalmente são realizados em duas situações: quando apenas a soma de pessoas torna possível a realização de um serviço urgente e necessário, podendo ser a construção ou reparo de um bem comunitário (estrada, ponte, igreja, entre outros); ou quando voluntários auxiliam em um trabalho em benefício de uma família (BRANDÃO, 1983; SABOURIN; CARON, 2009).

O mutirão pode também ser organizado sem que o dono da propriedade tome a iniciativa de convocar voluntários. Esse tipo de mutirão, denominado traição, é organizado quando alguém precisa de auxílio em alguma atividade agrícola atrasada e não dispõe de meios para pagar pela mão-de-obra (BRANDÃO, 2007; MOURA, 2012). Assim como destacam esses autores, alguém toma a iniciativa de reunir, secretamente, pessoas da comunidade e em determinado dia, previamente combinado com os voluntários, vão até a propriedade onde o trabalho deveria ser realizado.

Ressalta-se a importância das redes sociais, uma vez que essas redes reforçam os vínculos sociais, por vezes por meio de relações que envolvem a articulação do princípio da reciprocidade horizontal com o da troca, evidenciadas pela ajuda mútua entre famílias, comunidades e outros grupos (SABOURIN; CARON, 2009). Os mutirões reforçam os compadrios, permitem os cruzamentos e relações parentais e alianças seja intra ou extracomunitárias, conforme ressaltam os pesquisadores citados.

Os convidados sentem-se na obrigação de participar e não ir implica em uma explicação para a ausência e todos devem trabalhar durante o mutirão, embora o trabalho seja visto como um não trabalho (BRANDÃO, 1983). No caso dos mutirões para benfeitorias públicas ou coletivas a pressão social pressupõe a participação de todas as pessoas da comunidade (SABOURIN; CARON, 2009). Assim como ressaltado por Brandão (1983, 2007), os mutirões contam com uma forma voluntária de trabalho, mas com certa obrigação por códigos locais de trocas de bens e serviços, além de princípios e costumes próprios do campesinato. Ou seja, embora não seja contratual, nem obrigatório, espera-se retorno da ajuda, principalmente por conta da pressão social

implícita, os valores de honra e de prestígio (SABOURIN, 2011; GODOI, MENEZES; MARIN, 2009). O indivíduo que não participar e não explicar o motivo – plausível - de sua ausência pode sofrer sanções morais e ter sua imagem afetada perante a comunidade (GODOI, MENEZES; MARIN, 2009).

Cabe ressaltar que ao final dos trabalhos comumente se realizam festas como forma de agradecimento e “pagamento” pelo dia de trabalho, sendo que somente quem trabalhou pode participar gratuitamente (GAPINSKI; CAMPIGOTO, 2015). A ajuda nos mutirões é voluntária e não raro o beneficiado prefere o denominado mutirão da companheirada, mesmo quando o beneficiário possa pagar, por menor preço do que o que tem com os gastos com alimentação e festa (BRANDÃO, 1983).

Os mutirões proporcionam o fortalecimento e continuidade das culturas locais (FRANCO; FERREIRA, 2015), sendo que algumas expressões culturais estão relacionadas a essas práticas, como é o caso do fandango caiçara (GAPINSKI; CAMPIGOTO, 2015; Franco & Ferreira, 2015). Além das festividades, os mutirões também têm um caráter de *campus* de ensinamentos, uma vez que, no desenvolvimento dos mutirões aconteciam trocas de experiências no saber-fazer e esse aprendizado continuava na hora do festejo (FRANCO; FERREIRA, 2015).

Cabe salientar que, nos últimos anos, evidenciam-se ações coletivas em prol de melhorias em determinado local ou comunidade. Essas ações coletivas são consideradas mutirões, embora não tenham o formato tradicional apresentado anteriormente. Abaixo apresenta-se uma tabela com exemplos desses “novos mutirões”.

TABELA 1 – Exemplos de “novos mutirões”

Organizadores	Atividades	Local	Referência
Voluntários do Sertão	Atendimento médico e odontológico	Diversos estados brasileiros	Voluntários do Sertão (2016)
Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) /Ministério da Saúde	Cirurgias de cataratas	Vários municípios do estado de São Paulo	Silva; Muccioli; Belfort Jr. (2004)
Vários voluntários, principalmente cicloativistas	Construção da Praça do Ciclista	Centro de Curitiba	Santana (2016)
Grupo Lumens	Construção de biblioteca de taipa	Povoado Sambaíba, Miguel alves, Piauí	Grupo Lumens (2016)
Comunidade Quilombola Paus Altos	Construção de moradias a moradores sem-teto	Comunidades quilombolas Paus Altos e Santa Cruz, no município de Antônio Cardoso, Bahia	Comunidade Quilombola Paus Altos (2011)
ICMBio	Atividades de conscientização periódicas	Parque Nacional da Tijuca, Rio de Janeiro.	ICMBio (2017)

Fonte: Adaptado pela autora, 2016.

Nesse sentido, percebe-se que a noção de mutirão foi ressignificada e tomou dimensão para além das comunidades, ou seja, com caráter extracomunitário, embora, por vezes, indivíduos do município e da comunidade onde

foi feita determinada benfeitoria participem das ações. Ademais, as ações de diversificarm, sendo realizadas desde construções de moradias até atividades de conscientização ambiental.

2.2 O turismo voluntário

O termo turismo voluntário diz respeito ao turismo praticado, por várias razões, por voluntários e organizado de forma a proporcionar ajuda ou melhorias em determinados locais, seja no que diz respeito à pobreza econômica de alguns grupos sociais, seja na restauração de certos ambientes naturais ou edificações ou até mesmo pesquisas sobre determinados aspectos da sociedade ou meio ambiente (WEARING, 2001). Esse pesquisador ressalta que os turistas voluntários não devem ser confundidos com viagens a trabalho, uma vez que o elemento chave na definição de turista voluntário é a não remuneração pelo trabalho prestado.

Ademais, o turista voluntário geralmente paga mais do que pagariam em uma viagem de lazer para o mesmo destino, isso porque o custo extra é destinado à causa ou projeto no qual o voluntário atua (TOMAZOS; BUTLER, 2009). Esse tipo de turismo é esporádico e episódico, podendo variar em seu tempo de duração, podendo ser algumas semanas até alguns meses, mas menos de um ano, conforme ressaltam os autores citados.

Abaixo tem-se alguns exemplos históricos de atividades voluntárias ao redor do mundo.

TABELA 2 - Exemplos de atividades voluntárias nas décadas de 1920-30

Ano	Local	Atividade
1924	Suíça	Limpeza de escombros depois de avalanches
1928	Vale do Rio Reno	Limpeza ao redor do rio após fortes enchentes
1930	Lagarde – França	Limpeza após enchentes
1931	Cidades mineiras- Inglaterra	Restauração da autoconfiança durante crise econômica
1934	Bihar – Índia	Reconstrução de aldeias depois de terremoto devastador
1937	Espanha	Assistência a civis durante a Guerra Civil Espanhola

Fonte: Adaptado de Tomazos e Butler, 2009.

Os exemplos apresentados na tabela acima são apenas alguns tipos de atividades que podem ser desenvolvidas por turistas voluntários. Tomazos e Butler (2009) acrescentam a elas projetos de desenvolvimento comunitário, cuidados com crianças e idosos, missões de paz, direitos humano, ensino, treinamento esportivo, cuidados com o meio ambiente e conservação da natureza, monitoramento da vida selvagem, medicina e apoio em casos de pandemias, reabilitação de drogas, atividades culturais e artísticas, intercâmbio cultural, empoderamento das mulheres, conservação do patrimônio, suporte de Tecnologia de Informação, agricultura, construção e restauração, pesquisa, mapeamento e zoneamento e apoio a megaeventos, dentre vários outros.

Mostafahanezhad (2013) demonstra preocupação quanto a esse tipo de turismo, quando o enquadra como uma prática neoliberal, legitimando a participação de indivíduos e organizações não governamentais no processo de desenvolvimento econômicos e social dos países do sul. Ademais, esse autor defende que essas práticas

nem sempre conduzem a um questionamento sobre a desigualdade social, o contrário, tendem a “estetizar” a pobreza como algo autêntico e cultural, ou o que Barretto (2005) denomina “*zoologização*” de grupos humanos, que ocorre a partir da invasão da esfera do “não comercializável”, como rituais particulares.

Embora a preocupação de Mostafahanezhad (2013) seja plausível, ela merece um aprofundamento sociopolítico que não foi possível contemplar no presente artigo. No entanto, o receio de que o contato entre visitante e visitado gere mais impactos negativos que positivos é recorrente na literatura sobre o turismo. Barretto (2007) destaca que, quando os visitados têm menor poder aquisitivo, apresentam menos avanços tecnológicos e ocupam um *status* inferior no cenário internacional que os visitantes, o relacionamento entre eles é assimétrico. Pode-se relacionar essa experiência com o estudo de Bourdieu (1989) sobre o poder simbólico, o qual expõe que a posição de um indivíduo no espaço social é definida de acordo com os capitais adquiridos e incorporados por ele. Corbari (2015) destaca que, embora Bourdieu (1989) não aborde o turismo, suas inferências podem ser aplicadas às relações entre visitantes e visitados, contexto em que se observa disparidade de capitais, principalmente o econômico. O visitante é, geralmente, de sociedades de alto poder aquisitivo, promovendo o desejo na comunidade visitada de ter as mesmas condições que os turistas (CORBARI, 2015).

No entanto, cabe destacar que o encontro entre indivíduos de diferentes culturas pode contribuir para a valorização da identidade cultural, o resgate cultural, a preservação do patrimônio histórico e cultural, bem como o intercâmbio entre culturas, promovendo a compreensão, o conhecimento e o respeito à diversidade, dentre outros (CORBARI, 2015). Além disso, segundo a pesquisadora supracitada, as comunidades receptoras percebem as especificidades de sua própria cultura e descobrem novas dimensões de sua identidade, fomentando a preservação do artesanato e até mesmo o ressurgimento de rituais já extintos, ou seja, leva a um despertar étnico ou intensificação cultural.

3 METODOLOGIA

O presente estudo, de caráter qualitativo, teve como objetivo geral avaliar se os mutirões extracomunitários realizados nas aldeias Tupã Nhe’é Kretã, em Morretes e Kuaray Haxa, em Guaraqueçaba, Paraná, podem ser entendidos como prática turística. Para isso, os objetivos específicos foram: a) Identificar qual o público-alvo dos mutirões; b) Identificar a motivação dos participantes; c) Avaliar se foram realizadas atividades de lazer durante os mutirões; e d) Verificar como se deu a interação entre visitantes e visitados.

Para alcançar esses objetivos, a pesquisa foi realizada em duas etapas. Primeiramente, realizou-se uma pesquisa bibliográfica a fim de ter maior familiaridade com os temas e conceitos abordados, bem como identificar a visão de autores a respeito do tema. Nesse sentido, abordou-se os mutirões tradicionais; os “*novos mutirões*” – que no presente estudo denominam-se mutirões extracomunitários; e o turismo voluntário.

A segunda etapa contou com três técnicas de coleta de dados. Primeiramente, tem-se a observação participante, que consiste na participação real na vida da comunidade, por meio da qual o observador assume o papel de membro do grupo (GIL, 2008). Nesse sentido, a observação participante teve caráter natural, pois o observador pertence ao grupo/comunidade investigada (GIL, 2008). Isso se deu pelo fato do observador participar no mutirão enquanto organizador e também participando, além da proximidade com as comunidades, anterior à realização da pesquisa.

Além disso, foram aplicados questionários com os participantes externos às comunidades, para verificar informações a respeito de perfil, motivações e avaliação a respeito da experiência vivida. Os questionários foram auto aplicados, com questões abertas e fechadas e foram respondidos após a experiência. Cabe destacar que, antes da aplicação dos questionários foram realizados pré-testes, que, segundo Gil (2008), tem por objetivo evidenciar possíveis falhas na redação e construção do instrumento de coleta de dados.

Também foi realizada uma entrevista semiestruturada com um dos organizadores dos mutirões. Ademais, ele é responsável pela divulgação dos mesmos. A entrevista foi realizada com objetivo de verificar algumas informações obtidas com os questionários.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

No presente tópico, apresenta-se brevemente as aldeias Tupã Nhe'é Kretã, em Morretes e Kuaray Haxa, em Guaraqueçaba, ambas na região litorânea do Paraná. Na sequência, tem-se a descrição dos mutirões, conforme observação realizada; os dados obtidos com os questionários e a descrição da entrevista com um dos organizadores e divulgadores dos mutirões.

4.1 Descrição das comunidades beneficiadas: Aldeias Tupã Nhe'é Kretã (Morretes – PR) e Kuaray Haxa (Guaraqueçaba – PR)

A aldeia Tupã Nhe'é Kretã foi estabelecida em 2014, em uma antiga fazenda, nas proximidades da rodovia BR 277, município de Morretes, Paraná (CORBARI, 2016). Essa comunidade é constituída de famílias Kaingang e Guarani Mbya, além de ter um membro Guarani Kaiowá. Por ser uma aldeia nova, não há dados na literatura sobre a mesma, somente uma reportagem veiculada pelo jornal Gazeta do Povo, que é, no entanto, anterior à chegada da comunidade (KOPPE, 2010). Na reportagem em questão, aborda-se o Projeto Serra Nativa, desenvolvido pela empresa de papel e celulose Norske Skog, que tinha por objetivo recuperar uma área de 1,3 mil hectares pertencentes à Fazenda Arraial (KOPPE, 2010), local que hoje abriga a aldeia.

A comunidade vem dialogando com o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) por conta de sua permanência em área que seria destinada ao Parque Nacional Guaricana. Cabe destacar que ao observar a área, percebe-se que ainda há um número considerável de pinus e eucalipto, que inclusive estão rebrotando e não houve o plantio de mudas nativas por parte da empresa supracitada, dando indícios que o projeto não havia iniciado até o ano de 2016 (CORBARI, 2016). O solo foi fortemente degradado, devido ao fato que, anos antes da instalação da aldeia, o local era utilizado para plantio e extração de pinus e eucalipto, as quais prejudicaram a fertilidade do solo e, como a área é improdutiva, a comunidade tem problemas com plantio.

IMAGEM 1 – Aldeia Tupã Nhe'é Kretã, Morretes (PR)



Fonte: Autoria própria, 2016.

Durante a observação, percebeu-se que a comunidade contava com cinco moradias, um posto de saúde com atendimento periódico, uma escola e biblioteca/sala de reunião. Ademais, uma estrutura semiconstruída na entrada da aldeia para futura comercialização e recepção de pessoas. Também uma antiga casa de reza, espaço sagrado dos Guarani Mbya. Na aldeia há estradas em boas condições, além de rio, cachoeiras e mata secundária.

A aldeia Kuaray Haxa, por sua vez, está inserida na Reserva Biológica (ReBio) Bom Jesus, que segundo o Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC), é uma área destinada à preservação da biodiversidade, onde são realizadas medidas de recuperação do ecossistema a fim de recuperar o equilíbrio natural e pode receber visitas apenas de cunho educacional (BRASIL, 2000). Conforme o SNUC, nas ReBios, UCs de Proteção Integral, não se permite a interferência humana.

A ReBio Bom Jesus foi criada em junho de 2012, entre os municípios de Antonina, Guaraqueçaba e Paranaguá, na região litorânea do Paraná (BRASIL, 2012). A comunidade indígena em questão, estabelecida na divisa dos municípios de Antonina e Guaraqueçaba (aqui denominamos como pertencente ao município de Guaraqueçaba) e constituída por Guarani Mbya e Nhandeva, estava sofrendo um impasse por viver na área, o que levou a uma ação judicial por parte do ICMBio (CORBARI, 2016). Por conta dessa condição e especialmente por estarem dentro de uma UC, a aldeia Kuaray Haxa tem suas condições de sobrevivência física, cultural e econômica afetadas (CORBARI, 2016), uma vez que há restrições rígidas.

IMAGEM 2 – Aldeia Kuaray Haxa, Guaraqueçaba (PR)

Fonte: Aatoria própria, 2015.

Percebeu-se, durante o período de observação, que a aldeia Kuaray Haxa possui infraestrutura mais precária que a aldeia Tupã Nhe' é Kretã. Não há posto de saúde, nem escola. Além de uma casa de reza, há uma tenda utilizada para comercialização de artesanato e quatro casas. Há uma estrada que era utilizada anos antes da aldeia se estabelecer, porém não está, atualmente, em boas condições, por conta da vegetação que se alastrou. Há um riacho com cascata próximo as casas e outros rios mais distantes, além da vegetação densa.

4.2 Descrição dos mutirões

Os mutirões que compõem a análise do presente artigo foram realizados entre março e setembro de 2016, nas duas comunidades citadas anteriormente. Na aldeia Tupã Nhe' é Kretã foram realizados quatro mutirões e na aldeia Kuaray Haxa foram realizados dois mutirões. Abaixo apresenta-se a tabela com a descrição dos mutirões realizados nesse período.

Data	Comunidade	Trabalho realizado	Atividade de lazer
12/03	Aldeia Tupã Nhe' é Kretã	Limpeza e pintura da escola; entrega de material escolar arrecadado.	Lanche coletivo e visita à trilha e ao rio; recreação com as crianças.

09/04	Aldeia Tupã Nhe' é Kretã	Reforma do telhado da casa de reza; limpeza do rio; construção de passarela com troncos de pinus; pintura da escola; criação de horta.	Almoço coletivo; participação em batismo tradicional; visita à trilha e ao rio; banho de rio; recreação com as crianças.
23/04	Aldeia Tupã Nhe' é Kretã	Plantio de 800 mudas de araucária.	Almoço coletivo; visita à trilha e ao rio; banho de rio.
11/06	Aldeia Tupã Nhe' é Kretã	Confecção de placas de sinalização; pintura externa da escola.	Visita à trilha e ao rio; Lanche coletivo; recreação com as crianças.
27/08	Aldeia Kuaray Haxa	Plantio de mudas nativas e limpeza de trilha de acesso ao riacho e queda d'água.	Participação do ritual da casa de reza; almoço coletivo; recreação com as crianças; visita e banho no riacho.
24/09	Aldeia Kuaray Haxa	Criação de mini barragem na nascente de água; construção de estrutura coberta para atendimentos médicos.	Almoço coletivo; passeio na área florestada e riacho; recreação com as crianças; conversa com lideranças; participação do ritual da casa de reza.

Fonte: Autoria própria, 2016.

Dos seis mutirões, foi realizada observação em quatro datas (09/04; 11/06; 27/08; 24/09).

No mutirão do dia 09 de março teve participação de aproximadamente 70 pessoas, contando com os membros da comunidade. Cabe destacar que nesse dia participaram do mutirão indígenas de outras regiões do Brasil e Equador. As atividades de distribuíram entre a criação de uma horta mandala; limpeza do rio e construção de passarelas com troncos de pinus; pintura de uma casa que abriga parte da escola; reforma da casa de reza; e parte dos participantes prepararam o almoço coletivo. No almoço coletivo, no entanto, não houve interação entre visitantes e comunidade, o que foi alvo, inclusive, de comentários por alguns visitantes. Cabe salientar que a interação não ocorreu pelo fato de que o almoço foi servido para um número grande de pessoas e não havia espaço na mesa para todos, por isso os membros da comunidade preferiram almoçar dentro de suas casas.

Após o almoço, que ocorreu das 15h30 às 17h00, parte do grupo foi embora. Os demais membros foram convidados para participar de um batismo tradicional Guarani, que ocorreu na casa de reza. Um grupo de aproximadamente 15 pessoas assistiu a cerimônia, sendo convidado a receberem o batismo, dentre esses, seis pessoas foram batizadas.

Cabe destacar que durante todo o período do mutirão, grupos de pessoas percorriam uma trilha, visitando o rio da comunidade e se banhando no mesmo. Desse modo, os visitantes ficavam livres para intercalar momentos de trabalho e de descanso.

No mutirão do dia 11 de junho, algumas pessoas foram para a aldeia pela manhã e iniciaram a pintura da escola local. A autora desse trabalho se direcionou à aldeia pela tarde, acompanhada de um grupo de oito pessoas que foram entregar uma doação de 200 livros didáticos. A primeira ação realizada na comunidade com esse grupo foi a explicação sobre a organização da comunidade, visita à trilha e ao rio. Ao retornar para

a sede da aldeia, foram confeccionadas placas de sinalização turística para a trilha, enquanto alguns visitantes interagem com as crianças, por meio de brincadeiras e conversas. Os membros do grupo levaram lanche para compartilhar com a comunidade, especialmente com as crianças.

No mutirão do dia 27 de agosto, realizado em outra aldeia, contou com a participação de aproximadamente 70 pessoas entre visitantes e membros da comunidade. As atividades foram divididas entre plantio de mudas nativas e criação de trilha para acesso a um riacho e queda d'água. Ademais, parte dos participantes preparou o almoço e outros concentraram suas ações na recreação para crianças da aldeia e que foram com seus pais para o mutirão.

Pode-se perceber que houve uma forte interação dos visitantes com a comunidade, seja com crianças ou adultos, através de conversas sobre realidade local e tradições.

Ao final do dia, parte dos participantes foi embora, mas a maioria participou da cerimônia diária na casa de reza, com cantos, dança e rezas. Ademais, durante todo período em que ocorreu o mutirão, grupos de pessoas iam para o riacho se banhar.

No mutirão do dia 24 de setembro, que contou com a participação de aproximadamente 40 pessoas, entre visitantes e membros da comunidade, foram realizadas as seguintes atividades: criação de uma mini barragem na nascente onde se localizam os filtros da água que abastece a comunidade e construção de uma estrutura coberta para receber as equipes de saúde que atendem a comunidade. Ademais, foi realizada visita à parte florestada da aldeia, com explicações sobre algumas plantas e seus usos, além de visita ao riacho e queda d'água. Ao final do dia, dez pessoas participaram do ritual da casa de reza, com cantos, danças e rezas.

4.3 Análise da opinião dos participantes

Para ter percepção acerca da experiência vivida foram aplicados questionários a participantes (não indígenas) dos mutirões. As perguntas foram formuladas com o intuito de compreender a motivação para participação nos mutirões, bem como se a experiência poderia se enquadrar como atividade turística.

Nesse sentido, a primeira pergunta realizada foi a respeito da profissão, a fim de traçar o perfil do público participante. Conforme as respostas, o público se constituiu de juristas, artista de rua, assistente de importação e exportação, terapeuta, agente de combate a endemias, antropólogo, designer, analista de projetos sociais, agroecólogo, estudantes e professores, sendo esses dois últimos as ocupações mais frequentes.

Na sequência, procurou-se entender como esse público tomou conhecimento dos mutirões. Essa pergunta foi respondida por 24 pessoas (duas não souberam responder). A resposta principal foi por divulgação da Xondaro Arte Indígena (10 pessoas), em segundo lugar tem-se a divulgação por amigos ou conhecidos (oito) e outros meios de divulgação (seis). Nenhum dos entrevistados informou que participou dos mutirões por divulgação ou convite das comunidades indígenas.

Ao serem indagados se já haviam visitado alguma comunidade indígena anteriormente, 15 pessoas informaram que não haviam visitado nenhuma aldeia indígena antes da participação nos mutirões. Além disso, nenhuma dessas pessoas tinham contato com indígenas ou com o movimento indígena. O restante (11 pessoas) informou que já haviam visitado. Ademais, dos entrevistados, apenas quatro participaram de dois ou mais mutirões listados nesse artigo.

Quando questionados sobre a companhia para os mutirões, três pessoas

informaram que foram acompanhados apenas com o grupo participante do mutirão; duas pessoas foram acompanhados de suas famílias; dez pessoas participaram junto com colegas de curso ou trabalho; onze pessoas foram acompanhados de amigos e uma foi acompanhada com outra pessoa que não se enquadrava nas categorias acima.

No que se refere à motivação para participação nos mutirões, as respostas foram variadas, mas estão englobadas nas seguintes motivações: vontade de conhecer o modo de vida indígena e condições das aldeias (14); vontade de ajudar as aldeias (dez); atuação e envolvimento com a causa indígena (quatro); e contribuir com a legitimação dos povos indígenas, de seus territórios e costumes (dois).

Ao serem questionados sobre os momentos de lazer durante a experiência, todas as pessoas confirmaram que, além do trabalho, puderam disfrutar. As atividades de lazer realizada pelos respondentes foram: conversa com os membros da comunidade/ Troca de experiências (15); banho de rio/cachoeira (13); passeio pela aldeia (12); brincadeiras com as crianças (sete); e participação em ritual (seis). Além disso, quatro respondentes entenderam que as refeições coletivas foram momento de lazer. Um respondente afirmou que “[...] o trabalho foi um lazer”.

Todos os respondentes avaliaram que o convívio com a comunidade receptora foi positivo, tendo sido recebidos com hospitalidade. Ademais, ao serem questionados sobre a ampliação da rede de contatos, apenas três pessoas responderam que isso não foi possível durante os mutirões.

Tendo em vista que um dos pressupostos do turismo é a fuga do cotidiano, foi questionado se os respondentes consideravam ter saído de sua zona cotidiana. Nesse sentido 22 pessoas acreditaram que sim e três que saíram parcialmente. Apenas uma pessoa afirmou que a experiência não possibilitou a fuga do cotidiano.

4.4 Entrevista com organizador

A fim de verificar algumas informações obtidas nas entrevistas, foi realizada uma entrevista semiestruturada com o proprietário da Xondaro Arte Indígena (Curitiba, Paraná), Marcus Antonio Ferreira de Paiva, 53 anos. Tal instituição seria a responsável pela divulgação dos mutirões.

Além de ser proprietário e gerir a Xondaro Arte Indígena, loja especializada em produtos artesanais indígenas, o entrevistado trabalha com agroecologia e revitalização da agricultura tradicional indígena e do seu sagrado. Sua relação com as comunidades indígenas teve início há vários anos, mas em outubro de 2015 surgiu a ideia de abrir uma loja com produtos artísticos das etnias indígenas brasileiras a fim de divulgar as culturas indígenas do país. Nesse sentido o entrevistado informou que “procuramos estar o mais próximo possível delas, por estarem extremamente em risco, totalmente abandonadas pelos governos [...]. Foi quando surgiu a ideia dos mutirões nas aldeias”.

Ao ser questionado sobre como surgiu a ideia dos mutirões (e não outro tipo de atividade/experiência), o entrevistado informou que trabalhou com mutirões desde os 14 anos. Nas comunidades indígenas, o entrevistado informou que

“foi uma questão de demanda das próprias aldeias através de seus caciques, que já nos conhecem, foi quando nos pediram para ajudar nas construções, roças, filtragem das nascentes que abastecem as comunidades, criação de escola na aldeia e todo trabalho que não conseguem realizar seja por falta de mão-de-obra ou por falta de conhecimento”.

Desse modo, foi questionado sobre a necessidade de algum tipo de pagamento para participação nos mutirões. O entrevistado destacou que é solicitado a cada participante dois quilos de alimento não perecível para o almoço e lanche coletivo no dia do mutirão, além de solicitar caronas para quem possui automóvel e empréstimo de ferramentas de trabalho (enxada, facão, martelo, entre outros).

No que diz respeito à divulgação, ela é feita exclusivamente no perfil da Xondaro Arte Indígena na rede social Facebook, mas acaba ocorrendo também entre os interessados. O entrevistado afirma que o público-alvo dos mutirões eram, a princípio, estudantes universitários, porém, com o passar do tempo pessoas que não eram no meio acadêmico acabaram se interessando.

A participação de pessoas de vários ramos é importante, na visão do entrevistado, por conta do conhecimento que possuem. Entre os participantes há

“veterinários, arquitetos, cineastas, artistas, professores, engenheiros, músicos, pedreiros, carpinteiros, agricultores e indígenas de várias etnias, isso propicia uma troca cultural muito grande e sempre os participantes saem dos mutirões com uma visão diferenciada das culturas que visitou conhecendo um pouco mais da vida cotidiana nas aldeias [...]”.

Outro questionamento foi a respeito dos mutirões serem considerados práticas de lazer e promoverem interação entre os membros das comunidades e os visitantes. Quanto a isso, o entrevistado considera que os mutirões sejam práticas culturais e de lazer, havendo constantemente trocas de experiências e, principalmente, valorização das culturas indígenas. O entrevistado citou outras experiências que ocorrem no Brasil, como uma vivência entre os Tupi-Guarani, da Aldeia Piaçaguera, no município de Peruíbe, São Paulo, onde as atividades são desenvolvidas no mesmo sistema dos mutirões, mas são cobradas, ou seja, podem ser enquadradas no turismo voluntário.

Ao ser questionado sobre os benefícios dos mutirões para as comunidades o entrevistado acredita que essas atividades contribuem de uma forma não-assistencialista “tendo em vista que todos trabalham e todos aprendem, sempre promovendo benfeitorias e isso sendo levado a diante [...] criando assim uma autossuficiência nas comunidades que nós recebem”.

Levando em consideração que nos mutirões tradicionais há a reciprocidade, foi indagado se isso ocorre também no caso dos mutirões realizados nas aldeias indígenas em questão. O entrevistado informou que os membros das comunidades recebem os visitantes de forma hospitaleira, segundo ele

“em alguma comunidade, por exemplo, os Guarani Mbya, os participantes são convidados para participarem da casa de reza, uma prática diária desta etnia, que se realiza no entardecer de cada dia, as comunidades também realizam na hora do almoço uma roda de conversas com os participantes para responder as perguntas que todos tem curiosidade de saber”.

Desse modo, a retribuição seria, para o entrevistado, a hospitalidade e abertura dada pelas comunidades aos visitantes. Como retribuição análoga à dos mutirões tradicionais, há a participação dos moradores em mutirões em outras aldeias, ou seja, neste caso específico membros da Aldeia Tupã Nhe'ê Kretã participam de mutirões na

Aldeia Kuaray Haxa e vice-versa. Cria-se, dessa forma, uma corrente solidária entre as comunidades.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os mutirões ditos tradicionais se configuram uma prática cultural e social de diversos povos do Brasil, principalmente camponeses. Uma de suas características mais marcantes é a reciprocidade, tal qual apresenta-se na teoria sobre a dádiva (MAUSS, 1974; GODOI, MENEZES; MARIN, 2009). Essas práticas são organizadas quando um indivíduo ou família necessita de auxílio na realização de alguma atividade, convocando, assim, vizinhos (BRANDÃO, 1983, 2007; GAPINSKI; CAMPIGOTO, 2010; SABOURIN; CARON, 2009). O “pagamento” pela ajuda prestada é, geralmente, uma festa, com comilança, música e dança (GAPINSKI; CAMPIGOTO, 2015), com isso, os mutirões trazem os momentos de festa para o próprio trabalho, ou seja, tudo o que se faz é considerado como um não-trabalho (BRANDÃO, 2007).

Evidencia-se, no entanto, nos últimos anos, ações coletivas por melhorias em determinado local ou comunidade, o que no presente trabalho foi denominado “mutirões extracomunitários”, uma vez que as pessoas que participam nem sempre fazem parte da comunidade ou do círculo social daquela comunidade. Tem-se, desse modo, mutirões de saúde, construção de moradias, benfeitorias coletivas, limpeza de rios e praias, entre vários outros. Nesse tipo de experiência a vontade de ajudar e a conscientização ambiental prevalecem.

Por outro lado, apresenta-se o turismo voluntário que, assim como os mutirões extracomunitários, são organizados de forma a proporcionar ajuda ou melhorias em determinados locais (WEARING, 2001), com a diferença que essa experiência é paga pelo ajudante e sua duração, geralmente, é mais longa.

Desse modo, buscou-se avaliar se os mutirões extracomunitários realizados em duas aldeias – Tupã Nhe’ê Kretã e Kuaray Haxa - podem ser entendidos como prática de lazer, especialmente turística.

Pode ser compreendido tanto por meio da observação, quanto da aplicação de questionários e entrevista com um dos organizadores dos mutirões que tais experiências vão além do trabalho, tendo, inclusive, características do lazer, enquanto vivência e troca de conhecimento, além da conexão com a natureza e espiritualidade. Outras características próprias do turismo podem ser percebidas nesses mutirões, como o deslocamento, a fuga do cotidiano e o trabalho sem pagamento (ou seja, não são viagens a trabalho). A diferença, no entanto, dessas práticas e do turismo voluntário é que o segundo envolve pagamento do participante (ajudante) e demanda infraestrutura e apoio de uma organização. Ademais, a duração é maior, tendo em vista que os mutirões duram apenas um dia.

A reciprocidade, vista nos mutirões tradicionais, ocorre de forma distinta. Enquanto nos mutirões tradicionais a reciprocidade se dá na “devolução” da ajuda prestada, nos mutirões extracomunitários e no turismo voluntário a dádiva se dá em outros aspectos, como hospitalidade das comunidades receptoras.

Nesse sentido, o presente estudo teve como objetivo geral avaliar se os mutirões extracomunitários realizados nas aldeias Tupã Nhe’ê Kretã, em Morretes e Kuaray Haxa, em Guaraqueçaba, Paraná, podem ser entendidos como prática turística. Para isso, os objetivos da pesquisa foram: a) Identificar qual o público-alvo dos mutirões; b) Identificar a motivação dos participantes; c) Avaliar se foram realizadas atividades de lazer durante os mutirões; e d) Verificar como se deu a interação entre visitantes e

visitados.

No que se refere ao primeiro objetivo específico “identificar qual o público-alvo dos mutirões”, foi possível verificar que, a princípio o público-alvo dos mutirões seria estudantes universitários. Embora a maior parte dos entrevistados fossem estudantes ou professores, eles não eram a totalidade. A maior parte dos participantes foram acompanhados de amigos ou colegas (este último se deu pelo fato de que em todos os mutirões iam grupos de alunos de universidades). Poucos foram desacompanhados ou com a família. Ademais quase metade dos entrevistados não estiveram em uma comunidade indígena antes do mutirão, o que contribui para o objetivo dos mutirões de possibilitar uma visão diferenciada das culturas indígenas, como afirmou o organizador.

Cabe salientar que, pelo fato da divulgação ser feita, principalmente, por rede social o público participante não é tão diversificado. Não se percebe, por exemplo, pessoas com rendas baixas participando da experiência.

No que se refere ao segundo objetivo específico “identificar a motivação dos participantes”, averiguou-se que a vontade de conhecer o modo de vida indígena e condições das aldeias foram o principal motivo da participação. No entanto, a vontade de ajudar as aldeias de diferentes formas se evidenciou, o que se aproxima bastante do objetivo do turismo voluntário.

Em relação ao objetivo específico “avaliar se foram realizadas atividades de lazer durante os mutirões”, foi possível perceber que o trabalho se mesclou com o lazer, podendo se categorizar como não-trabalho, tal qual os mutirões tradicionais. Percebeu-se, nesse quesito, que a hospitalidade das comunidades foi expressiva, tendo as mesmas aberto seus momentos ritualísticos à participação coletiva, bem como deixado a aldeia livre para passeios.

No que tange ao quarto objetivo específico “verificar como se deu a interação entre visitantes e visitados”, percebeu-se que a relação foi amistosa, com intercâmbio de experiências e troca de conhecimentos. Além disso, a maior parte dos participantes informou que sua rede social aumentou durante essas experiências, seja pelos contatos com indígenas ou com outros participantes. No entanto, a reciprocidade, típica dos mutirões, se percebe apenas entre os indígenas. Os participantes não indígenas recebem a dádiva de outro modo – tal qual acontece no turismo voluntário: através da hospitalidade das comunidades.

Desse modo, pode-se afirmar que os mutirões estudados podem se configurar como turismo voluntário, embora não haja cobrança monetária para participação, sendo uma experiência mais orgânica que os programas de turismo voluntário. Caso seja de interesse das comunidades, tais práticas podem ser mais bem estruturadas e comercializadas, ficando, o lucro, para os membros das aldeias.

AGRADECIMENTOS

Às comunidades Tupã Nhe'é Kretã e Kuaray Haxa, por receberem a pesquisadora e à CAPES, pela bolsa recebida no programa de doutorado e que possibilita o desenvolvimento de pesquisas.

REFERÊNCIAS

BARRETTO, Margarita. Turismo étnico y tradiciones inventadas. In: TALAVERA, Augustín Santana; PRATS CANALS, Llourenç (Coords.). El encuentro del turismo con el patrimonio cultural: concepciones teóricas y modelos de aplicación. Sevilla

(Espanha): FAAEE- Fundación El Monte, 2005, p. 39-56. Disponível em: <<http://sgpwe.izt.uam.mx/files/users/uami/mcheca/GEOPATRIMONIO/LECTURA3H.pdf>>. Acesso em: 30/08/2016.

_____. Turismo y cultura: relaciones, contradicciones y expectativas. Tenerife, Espanha: ACA/PASOS/RTPC, 2007. Disponível em: <http://issuu.com/pasosonline/docs/psedita1_1>. Acesso em: 30/08/2016.

BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Os caipiras de São Paulo. Vol. 75. São Paulo: Ed. Brasiliense. Coleção Tudo é História, 1985.

_____. Programa 4: Festa de Trabalho. In: TV Escola. Aprender e ensinar nas festas populares. Boletim 02. Rio de Janeiro: TV Escola/Ministério da Educação, 2007, p. 44-53. Disponível em: <<http://cdnbi.tvescola.org.br/resources/VMSResources/contents/document/publications/Series/1426103055770.pdf#page=44>>. Acesso em: 23/08/2016.

BRASIL. Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000. (2000, 19 de julho). Regulamenta o art. 225, § 1º, incisos I, II, III e VII da Constituição Federal, institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza e dá outras providências. Diário Oficial da União, seção 1.

_____. Decreto nº 13.319, de 5 de junho de 2012. (2012, 6 de junho). Dispõe sobre a criação da Reserva Biológica Bom Jesus, nos Municípios de Antonina, Guaraqueçaba e Paranaguá, Estado do Paraná. Diário Oficial da União, seção 1.

COMUNIDADE QUILOMBOLA PAUS ALTOS. Comunidade faz mutirão solidário pra construção de moradia. 2011. Disponível em: <<http://www.pausaltos.com.br/comunidade-faz-mutirao-solidario-pra-construcao-de-moradia/>>. Acesso em: 29/09/2016.

CORBARI, Sandra Dalila. O turismo envolvendo comunidades indígenas em teses e dissertações: retrato das relações e dos impactos socioculturais. Dissertação (Mestrado em Turismo), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.

_____. Os Guarani da Mata Atlântica: a importância do artesanato para subsistência em áreas de conservação. In: Seminário Nacional sobre Múltiplas Territorialidades, 4; Seminário Internacional Sobre Microterritorialidades nas Cidades, 4. Anais...Ponta Grossa: UEPG. p. 490-508. Disponível em: <<http://getepolitica.org/ocs/ANAIS.pdf>>. Acesso em: 25/01/2017.

FRANCO, Paulo Cesar; FERREIRA, Dulcinéia de Fátima. Educação popular no processo de construção da rabeça fandangueira: um jeito caiçara de aprender em mutirão na associação dos jovens da Jureia - Iguape/SP. In: Semana de Pedagogia, 6; Seminário do PPGED, 2. Anais... Sorocaba-SP: UFSCAR, 2015. p. 58-66. Disponível em: <http://www.dche.ufscar.br/documentos/ANAIS_VIISEMANA_DE_PEDE_III_SEMI_NARIDE_PESQUISAPPGED3010151.pdf#page=59>. Acesso em: 24/01/2017.

GAPINSKI, Ivan; CAMPIGOTO, José Adilçom. A dança de São Gonçalo nos faxinais de Rio Azul/PR. Revista Tempo, Espaço e Linguagem (TEL), v. 1, n. 3, set./dez. 2010, p. 43-69. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/tel/article/view/2637#.V7oaXygrLIU>>. Acesso em: 23/08/2016.

GIL, Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GODOI, Emilia Pietrafesa de; MENEZES, Marilda Aparecida de; MARIN, Rosa Acevedo. Introdução. In: _____. (Orgs.). Diversidade do campesinato: expressões e categorias (p. 23-36). São Paulo: Editora UNESP; Brasília, DF: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, 2009.

GRUPO LUMENS. *Biblioteca de taipa*. 2016. Disponível em: <<http://grupolumens.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 29/09/2016.

INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE (ICMBIO). Parque Nacional da Tijuca: voluntariado. Disponível em: <<http://www.icmbio.gov.br/parnatijuca/voluntariado>>. Acesso em: 24/01/2017.

KOPPE, Jennifer. A floresta de volta a seus 'donos'. Curitiba: Gazeta do Povo Online, 22 de janeiro de 2010.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: _____. Sociologia e Antropologia. São Paulo: Edusp, 1974.

MOSTAFAHANEZHAD, Mary. The Politics of Aesthetics in Volunteer Tourism. *Annals of Tourism Research*, v. 43, 2013, p. 150-169. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0160738313000686>>. Acesso em: 23/08/2016.

MOURA, Marlene Castro Ossami de. Disponibilidade e acesso de alimentos na Terra Indígena Carretão. *Caderno de Pesquisa*, 19 (3), set./dez. 2012, p. 36-50. Disponível em: <<http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/1147/2588>>. Acesso em: 23/08/2016.

SABOURIN, Eric. Teoria da Reciprocidade e sócio-anthropologia do desenvolvimento. *Sociologias*, v. 13, n. 27, mai./ago. 2011, p. 24-51. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/soc/v13n27/a03v13n27.pdf>>. Acesso em: 23/08/2016.

_____.; CARON, Patrick. Camponeses e fundos de pasto no Nordeste de Bahia. In: GODOI, Emilia Pietrafesa de; MENEZES, Marilda Aparecida de; MARIN, Rosa Acevedo (Orgs.). Diversidade do campesinato: expressões e categorias. São Paulo: Editora UNESP; Brasília: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, 2009, p. 89-115.

SANTANA, Daniela Tschoke. Praça de Bolso do Ciclista de Curitiba/PR : idealização, cotidiano e o uso da bicicleta como forma de contestação. 187 p. Dissertação (Mestrado em Educação Física), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016. Disponível em: <<http://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/43135>>. Acesso em: 23/08/2016.

SILVA, Luci Meire Pereira da; MUCCIOLI, Cristina; BELFORT JR., Rubens. Perfil socioeconômico e satisfação dos pacientes atendidos no mutirão de catarata do Instituto da Visão – UNIFESP. Arq. Bras. Oftalmol., v. 67, n. 7, 2004, p. 737-744. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/abo/v67n5/22199.pdf>>. Acesso em: 24/01/2017.

TOMAZOS, Konstantinos; BUTLER, Richard W. Volunteer tourism: the new ecotourism? Anatolia, v. 20, n. 1, 2009, p. 196-212. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/254237800_Volunteer_Tourism_The_New_Ecotourism>. Acesso em: 30/08/2016.

VOLUNTÁRIO DO SERTÃO. Edição 2016. Disponível em:<<http://www.voluntariosdosertao.com.br/edicao/12/edicao-2016>>. Acesso em: 29/09/2016.

WEARING, Stephen. Volunteer tourism, experiences that make a difference. Wallingford: CABI Publishing, 2001.

Extra-community collaborative efforts versus volunteer tourism: experiences in the indigenous communities Tupã Nhe'é Kretã (Morretes-PR) and Kuaray Haxa (Guaraqueçaba-PR)

Abstract: *The portuguese word “mutirões” represents the collaborative efforts and are traditional practices of Brazilian rural communities. These experiences can be seen as promoting reciprocity, since it occur through the mutual help between neighbors. However, there are other types of “mutirões”, here called extra community, practices that aim to help a particular community or place, constantly having groups composed of people outside the community that receiving the improvement. On the other hand, there is the voluntary tourism, which also aims to provide aid, in different areas, for a longer time than the collaborative efforts mentioned above. Thus, this article had the object of study the “mutirões” that occurred in two indigenous community of the State of Paraná, Brazil: Tupã Nhe'é Kretã (Morretes) and Kuaray Haxa (Guaraqueçaba). The general objective has been revised as if it were extra-community groupings held in these villages can be understood as a tourist practice. With the research - which included bibliographical review, participative observation, application of questionnaires and interview with organizer - it was possible that the “mutirões” that occurred in the above mentioned villages could be considered tourist activities, and the work mixes with the leisure.*

Keywords: *“mutirão”, voluntary tourism, work versus leisure, indigenous communities.*

Artigo enviado em 21/02/2017. Aceito para publicação em 31/05/2017.